

## O MOMENTO DE MOLLIE

BILL SHORE

Trabalhei muitos anos no meio político, numa carreira que me tomava muito tempo e exigia que viajasse com frequência.

Quando o senador Bob Kerrey concorreu à presidência dos Estados Unidos em 1992, por exemplo, ajudei-o na campanha e acabei passando um bocado de tempo longe de minha mulher, Bonnie, e de nossos dois filhos pequenos, Zach e Mollie.

Depois da campanha, vim para casa para aprender uma lição importante sobre como equilibrar carreira e família, sobre o que as crianças realmente precisam receber de um pai - e sobre como construir e demolir paredes.

Um pouco antes do terceiro aniversário de Molly, eu acabara de voltar de uma série de viagens com o senador, algumas durando seis ou sete dias, com uma rápida parada em casa para pegar mais roupa limpa.

Mollie e eu estávamos voltando do mercado na nossa vizinhança em Silver Spring, no estado de Maryland, quando ela me perguntou:

- Papai, em que rua é a sua casa?
- O quê? - Pensei ter ouvido errado.
- Em que rua é a sua casa?

Foi um momento crítico. Embora ela soubesse que eu era seu pai e que sua mãe e eu éramos casados, não sabia que eu morava na mesma casa que ela.

Embora pudesse convencê-la de que morávamos no mesmo endereço, sua incerteza quanto ao meu lugar em sua vida continuou a se manifestar de várias maneiras. Um joelho machucado a fazia correr para a mãe, não para mim. Uma questão levantada por alguma coisa ouvida na escola seria guardada por horas, até que a mãe estivesse por perto.

Compreendi que não só tinha de passar mais tempo com Mollie, como passar esse tempo de uma forma diferente. Quanto mais eu a sentia se distanciar de mim, mais tentava fazer coisas que nos aproximassem, como ir à piscina ou ao cinema.

Mas, se Mollie e eu não tivéssemos uma atividade programada, eu ia cuidar de afazeres em casa. Era para maximizar o tempo e ser útil.

Quando era para ler uma história na hora de dormir, Bonnie me chamava depois de vestir Mollie e colocá-la na cama. Eu entrava em seu quarto como um dentista que espera o paciente ser preparado porque não tem um minuto a perder.

Era assim que eu me sentia e, agora tenho certeza, era como Mollie se sentia também.

Mas tudo mudou numa noite de verão. Mollie estava ficando frustrada, tentando construir um esconderijo secreto no quintal da casa. Era fim de tarde e ela deveria estar ocupada até a hora de dormir, mas os ladrilhos acinzentados e finos que tentava apoiar uns nos outros continuavam a cair. Estava fazendo isso há dias, às vezes com um amiguinho da vizinhança, às

vezes sozinha. Quando as paredes despencaram pela última vez, quebrando-se, ela começou a chorar.

- Sabe do que você precisa para conseguir fazer esse trabalho, Mollie? - perguntei.

- Do quê?

- Precisa de uns sessenta tijolos.

- É, mas não temos sessenta tijolos.

- Mas podemos conseguir.

- Onde?

- Na loja de material de construção. Vá calçar os sapatos e entre no carro.

Fomos até a loja, distante uns oito quilômetros, e achamos os tijolos. Comecei a colocá-los, vários de cada vez, num carrinho tipo plataforma. Eram grosseiros e pesados e percebi que era um trabalho para eu fazer. Do carrinho teriam de ser colocados no jipe e ainda descarregados em casa.

- Por favor, papai, deixe eu fazer isso. Por favor! - Mollie pediu.

Se eu deixasse, íamos ficar lá para sempre. Ela teria de usar as duas mãos para pegar apenas um deles. Olhei o relógio e tentei controlar minha impaciência.

- Mas, querida, são muito pesados.

- Por favor, papai, quero muito fazer isso - ela choramingou, dirigindo-se rapidamente à pilha de tijolos e levantando um deles com as duas mãos. Ela o arrastou até o carrinho e o colocou perto dos muitos que eu já pusera ali.

Aquilo ia levar a noite toda.

Mollie voltou até a pilha e cuidadosamente escolheu outro tijolo. Não teve pressa em escolher.

Então compreendi que ela queria que aquilo durasse a noite toda.

Era difícil nós dois termos um tempo assim, juntos e sozinhos. Isso seria o tipo de atitude impulsiva tomada por seu irmão mais velho, Zach, para ficarmos só os dois. Mas, com Zach, talvez numa maneira masculina de agir, o ideal seria terminar logo a tarefa e irmos construir a parede. Mollie queria que aquele momento durasse.

Encostei-me em um dos estrados de madeira e respirei fundo. Mollie, trabalhando firme no carregamento dos tijolos, relaxou e começou a conversar, falando sobre o que ela já construía, sobre a escola, as amigas e a próxima aula de equitação.

Comecei a entender: estávamos ali comprando tijolos para fazer uma parede, mas, na verdade, estávamos demolindo uma parede, tijolo por tijolo - a parede que ameaçou me separar de minha filha.

Desde então aprendi o que a mãe dela já sabia: como assistir a um programa de tevê com Mollie, mesmo sendo um programa que não quero ver; como ficar com ela sem ao mesmo tempo ler um jornal ou uma revista, estando ali por inteiro.

**Mollie não me quer por causa do que eu posso lhe dar, para onde posso levá-la ou mesmo por causa das coisas que podemos fazer juntos. Ela me quer por mim mesmo.**